Artigo Original

**Línguas transfronteiriças e os conflitos nas regiões de fronteira Brasil-Bolívia.**

**Cross-border languages and conflicts in the Brazil-Bolivia border regions**

**Lenguas transfronterizas e los conflitos en las regions de frontera Brasil/Bolivia.**

**RESUMO**

A intenção deste artigo é demonstrar que o uso das práticas linguísticas na fronteira Brasil - Bolívia está relacionada a fatores sociais, culturais, políticos e financeiros. Mostra como determinados aspectos dos habitantes fronteiriços bolivianos influem nas cidades fronteiriças do Brasil em vários setores e na educação. Ressalta a intensa imigração internacional e a competitividade por vagas no setor de emprego no espaço brasileiro, analisa estudantes da fronteira Brasil e Bolívia da Escola Padre Ernesto Sassida CAIC, os contatos sociolinguísticos entre eles, fluxo migratório Brasil e Bolívia e pesquisa a história, relações de vizinhança, memória e identidade na fronteira.

**Palavras chave:** Fronteira, sociolinguística, portunhol.

Abstract

The purpose of this article is to demonstrate that the use of linguistic practices in the Brazil-Bolivia border region is related to social, cultural, political and financial factors. It shows how certain aspects of the Bolivian border inhabitants influence the border cities of Brazil in various sectors and in education. Emphasizes the intense international immigration and competitiveness by vacancies in the employment sector, in the Brazilian space, analyzes students from the Brazil and Bolivia border of the Padre Ernesto Sassida School CAIC, the socio-linguistic contacts between them. The migratory flow Brazil and Bolivia and researches the history, neighborhood relations, memory and identity in the border.

**Key words:** Frontiers, sociolinguistics, portunhol.

**Resumen**

El propósito de este artículo es demostrar que el uso de las prácticas lingüísticas en la región fronteriza Brasil - Bolivia depende de factores sociales, culturales, políticos y financieros. Muestra cómo ciertos aspectos de la frontera boliviana influyen en las ciudades fronterizas de Brasil en diversos sectores y en educación. Enfatiza la intensa inmigración internacional y competitividad por vacantes en el sector empleo, en el espacio brasileño, analiza estudiantes de la frontera Brasil-Bolivia de la Escuela Padre Ernesto Sassida CAIC, los contactos sociolingüísticos entre ellos. El flujo migratorio Brasil y Bolivia e investiga la historia, las relaciones de vecindad, la memoria y la identidad en la frontera.

**Palabras clave:** Frontera, sociolinguística, portunhol.

**LÍNGUAS DE FRONTEIRA E SEUS CONFLITOS NA REGIÃO BRASIL-BOLÍVIA**

Fronteira terra de pluralidade de línguas, território de diferentes práticas linguísticas onde é comum ler ou ouvir diferentes formas das línguas faladas nas regiões, em especial, se examinará o espaço geográfico limítrofe entre Corumbá x Puerto Suarez – Brasil – Bolívia. Onde a prática da língua transfronteriça envolve o português do lado brasileiro e o espanhol do lado boliviano. Para Marcos-Marín (2001)1, o desenvolvimento da sociedade de informação dá a possibilidade que os conceitos tradicionais da Linguística se cubram de novos conteúdos e que fatos historicamente conhecidos adquiram novas dimensões, com sua carga incógnita, ao mesmo tempo que se introduzem novos fatores que podem adquirir um peso superior aos analisados habitualmente.

A língua é um organismo vivo, que evolui e se adapta de acordo as necessidades de comunicaçao dos falantes, durante este processo evolutivo pode ocorrer alterações em relaçao à norma culta e a gramática normativa, e sofre interferencia dos aspectos socioculturais de uma regiao. As línguas fronteiriças são faladas por grupos linguísticos oriundos de uma fronteira internacional e podem parecer insignificante, mas exercem um importante papel na comunicaçao na socialização e integração dos povos fronteriços.

Essa visão linguística da à ideia de aproximação dos idiomas uma formação cultural e educacional que é alicerçada oriunda do ensino do país vizinho no caso o Brasil, integrando-se com recursos e tecnologias bem antagônicas e que ao mesmo tempo se completam.

Assim, aprendizagem e o domínio das línguas dependem do contexto de adaptação das circunstancias da vida, tais como: dificuldades de aprendizagem, dificuldade de adaptação, o ambiente e suas proporções, a língua materna, o meio social de convivência, uma segunda língua falada, as imprevisíveis situações do dia a dia, a materialidade das coisas, a parte psicológica, etc.

Esse contato produz a possibilidade de refletir sobre a situação no MERCOSUL, onde o espanhol e o português são línguas que ascendem visto que uma delas passa a vigorar como primeira língua e a outra como segunda.

O português e espanhol são Línguas Neolatinas, ou seja, línguas que tiveram sua origem do latim vulgar, e por serem consideradas línguas irmãs, possuem semelhanças de vocábulos que ao mesmo tempo em que facilita a comunicação, pode dificultar a interação dos falantes. Por outro lado esta similitude ocasiona uma mescla entre os dois idiomas dando origem a uma forma de falar diferente e inovadora, uma suposta terceira língua falada não oficializada, “o portunhol”.

As diferentes raças, o convívio e necessidades dos serviços fazem com que a fronteira tenha uma relação que está inserida dentro de um prisma social de visões diferenciadas constituindo uma interface de culturas. Considerando-se que existe uma dualidade na linguagem, ela é ao mesmo tempo, integralmente formal e integralmente atropelada pelos embates subjetivos e sociais, as vivências dependem do meio social em que o indivíduo está inserido.

Portanto, as fronteiras podem se caracterizar como culturais, sociais, entre gêneros, econômicas e tecnológicas; podem ser divisão, faixa, limite e, paradoxalmente, podem ser oposição e aproximação, coalescência ou até mesmo concrescência; assim, pode ser intersecção, traço que une como podem ser uma marca de limite físico ou simbólico; fixam a identidade, determinam a alteridade.

O conceito de “identidade” é tratado no verbete do dicionário de semiótica (GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 27, 140, 251-252 e 440)2 como a relação de pressuposição recíproca com o termo oposto “alteridade”, significando, em síntese, a oposição entre “o mesmo” e “o outro”.

De acordo com Bernd (2003)3,

[...] identidade é uma entidade [que] se constrói simbolicamente no próprio processo de sua determinação. A consciência de si toma sua forma na tensão entre o olhar sobre si próprio — visão do espelho, incompleta — e o olhar do outro ou do outro de si mesmo — visão complementar. (BERND, 2003, p. 17).

A citada região fronteiriça vive em um constante contato linguístico entre o idioma português e o espanhol sobre os quais incidem também contatos oriundos de várias regiões do Brasil resultando uma heterogeneidade linguista.

Ressalta-se que o uso da prática linguística pode resultar confusa confusa por vários motivos entre os quais se destacam: a falta do domínio das línguas envolvidas, o fluxo migratório devido a facilidade de entrada e saída na referida fronteira de ambos países, o que fomenta o surgimento de uma nova modalidade linguística que atende as necessidades de comunicação  entre os habitantes fronteiriços.

A fronteira é um território exótico marcado por grandes diferenças, e facilidade de aproximação em todos os sentidos que permite uma situação diferente e de fácil acessibilidade ao mesmo tempo uma diacronia que predispõe ao surgimento do dialeto portuñol.

Não obstante, portunhol não é oficial, nem tampouco nativo, não é dos imigrantes, não é gramaticalmente aceito, porém, funciona como uma prática linguística constante por grande parte da população fronteiriça e por aqueles que visitam esse espaço e o  usam como forma de persuasão e aproximação.

A ocupação da zona fronteiriça ocorreu por um processo migratório de brasileiros e bolivianos que entenderam ser mais fácil conviver “no meio”, ficando as escusas ora sou brasileiro, ora sou boliviano, ora sou fronteiriço, sendo o que lhe faculte os melhores e maiores benefícios.

Para Hensey (1965)4, o contato linguístico procura descrever o bilinguismo nas comunidades fronteiriças em especial das urbanas. Ocorre pelo domínio de um dialeto do espanhol padrão – espanhol regional e de um dialeto português na Bolívia. No entanto, para Carvalho (1998)5, a situação das práticas lingüísticas nessa zona fronteiriça é na verdade a caracterização de que português é esse que se pratica e como ele se distribui dado a que a mistura dos sistemas lingüísticos do português e do espanhol não são aleatórias tal como afirma Elizaincìn, Behares & Barrios (1987)6, mas são condicionadas por fatores extralinguísticos nas zonas mais urbanas, é um dialeto do português brasileiro urbano.

Os dialetos são classificados também como línguas e a dificuldade em definir o “portunhol” está nos parâmetros que foram sendo constituídos pelo senso comum, tendo a fronteira tem como base.

A segunda hipótese é a de que o “portunhol” é uma “interlíngua”, remete ao processo de aquisição, especialmente do espanhol por parte de falantes brasileiros, e seria uma situação intermediária desse processo no qual os alunos misturam as línguas em nível gramatical e discursivo.

Conforme Raffestin (1963, p. 165)7, a fronteira é compreendida como zona de contacto e limite, ou seja, é uma linha de separação definida que “[...] cristalizada se torna então ideológica, pois justifica territorialmente relações de poder”. O enfoque é sempre do ponto de vista das influências do espanhol/castelhano, dos influxos, dos espanholismos do vocabulário corumbaense e da entonação e pronúncia do dialeto. Ao aplicar essa rede de conceitos semântico-política às línguas do MERCOSUL - o português e o espanhol - podemos inferir que cada uma delas constitui a base para o exercício do poder, delimita a fronteira geográfica, identifica uma comunidade, e acentua a etnicidade do povo que a utiliza. Em função de tais circunstâncias, há de se perguntar: que papel sociopolítico e linguístico terá o “portunhol” nesse contexto de nacionalidade?

Ao contrário de fixar normas para o exercício do poder plural, ao contrário de delimitar e identificar os espaços geográficos instituídos, ao contrário de possibilitar a identidade comunitária de cada povo e, finalmente, de fixar os referentes étnicos, provocará uma exacerbação nacionalista porque adulterará o único bem territorial, pátrio e nacional que um povo herda gratuitamente de seus ancestrais que é sua língua mãe, ou seja, a nacional.

Nesse sentido, o conceito de língua está diretamente relacionado ao de nação, isto é, ambos são referentes às suas respectivas etnias. Várias são as denominações para esta variante linguística de fronteira, mas, será que o “portunhol” é uma interlíngua?

A verdade dessa pergunta depende da influência de uma língua sobre a outra que depende da doutrina e da utilização adequada.

Sabe-se que o uso efetivo de uma língua é o que a torna viva, quanto menos esta é usada, menor será sua utilidade e finalidade prática, visto que o “portunhol” é usado na fronteira, nos aspectos socioeconômicos e no cotidiano dos habitantes fronteiriços determinando, grau de utilização e de praticidade.

Para Polato (2007)7, *“As transformações acontecem nas ruas e nos prédios de grandes instituições, na linguagem dos sermões, das palestras, dos discursos de políticos e advogados (com seus vocabulários tão particulares)”* segundo a autora, comumente, a linguagem se renova mais rápido do que ortografia, já que esta requer a padronização para ser compreendido por mais gente durante mais tempo. Conforme Bagno (1999)8, *submetemos a fala a diversos processos mentais intuitivos e inconscientes, fazendo novas inferências*, para o autor a região de fronteira possui uma linguística complexa contrastando com o desenvolvimento no qual convivem línguas e culturas distintas que comprometem todas as áreas desde o social até o econômico.

De acordo com Ribeiro (1995, pag. 242)9 o Brasil nasce e cresce como povo novo, afirmando cada vez mais essa característica em sua configuração histórico-regional.  Por outro lado, para o autor, a homogeneidade cultural básica, que ultrapassa desde as singularidades ecológicas regionais, bem como as marcas decorrentes da variedade de matrizes raciais, como as diferenças da proveniência cultural dos distintos contingentes. Para Cavalcanti (1999), questões de bilingüismo e de bidialetalismo têm espaço potencial nesse contexto.

De acordo com Herbert de Souza, apud Cavalcante (1999, pag.393)10 são essas comunidades, que constituem a população dentro e fora da escola, (como ocorre na CAIC) e do sistema, gente com cobiça de cidadania e melhores condições de vida e de educação, portanto, há uma multiplicidade de contextos bidialetais nas escolas públicas brasileiras principalmente nas fronteiriças contrariamente ao que são na realidade (Romaine, 1995)11. Igualmente, dentro das escolas de fronteiras, a falta do domínio das regras gramaticais por parte do aluno pode confundir o educador e o próprio educando nas misturas dialetais utilizadas e aplicadas em sala de aula, dificultando processo ensino-aprendizagem e pode enlear o educador no que tange às considerações de “certo” e “errado” ou adequado e inadequado, na forma escrita e oral.

A educação se encontra em um momento onde é inquestionável a necessidade da busca de um principio e/ou objetivos que sejam apropriados considerando o tipo de sociedade que se quer construir e o  tipo de homem que se deseja formar (Acuña,  2015)12.

**Imigrantes bolivianos na região de fronteira**

A densidade migratória em dita fronteira Brasil e Bolívia concentra um elevado número de indivíduos bolivianos que circulam livremente sem serem percebidos, por outro lado, deixam rastros de etnias, história e língua, gerando um verdadeiro casamento heterogêneo com múltiplos estereótipos que podem modificar o cotidiano das cidades.

Conforme Jardim (Apud Oliveira, 2004, p.126)13, assim, a etnia não poderia ser vista como um laço primordial, a não ser na versão defendida por nacionalistas.

Essas averiguações levam à reflexão sobre os mecanismos sociais que os habitantes fronteiriços da Bolívia vivem, visto que depende das oportunidades no Brasil para ter uma melhor qualidade de vida, oportunidades de educação, portanto depende de uma convivência pacífica, harmoniosa entre os povos das diferentes culturas que compõem o contexto fronteiriço.

De certa forma o boliviano vem ao Brasil buscar oportunidades para melhorar os aspectos econômico, educacional e a qualidade de vida familiar e que suas raízes possam criar relacionamentos sólidos e melhorar a vida daqueles que sofrem pela miséria, falta de espaço, política e socialização.

Dessa maneira muitas mulheres bolivianas que vivem do outro lado da fronteira vêm trabalhar na cidade de Corumbá-MS, para manter sua subsistência e de sua família, trabalhando no serviço doméstico.

Essas observações dentro e fora de sala de aula expõe a convivência diária do fronteiriço que na maioria das vezes vive calado, acabrunhado, e com receio de ser mal interpretado fala somente o necessário, receando criar alguma polêmica ou mesmo de perder o pouco espaço conquistado num meio diferente do seu.

As famílias fronteiriças, apesar de suas dificuldades diárias e terem que enfrentar a RAMON GOMEZ (estrada que liga Corumbá – Bolívia) fazem de tudo para o seu crescimento pessoal e familiar, colocam os filhos na escola brasileira, apesar pouca infraestrutura rodoviária e dificuldades econômicas.

**O Bilinguismo na região de fronteira Brasil-Bolívia.**

O bilinguismo sempre existirá na pessoa do imigrante já que este muda de país trazendo consigo suas raízes e idioma, também para os habitantes nacionais das cidades fronteiriças ao estar em contato com os estrangeirismos trazidos pelos imigrantes, o que faz surgir o fenômeno da mescla de idiomas na conversação dos dois lados da fronteira.

No período de observação dos alunos bolivianos e brasileiros durante o recreio da escola, foi possível constatar várias formas de comunicação, observou-se o uso constante de dois idiomas e de uma mescla entre os dois, onde cada etnia usava sua língua de origem, não respeitando as regras gramaticais de sua própria língua tampouco as do país que o acolheu.

Verificou-se que, o problema do bilinguismo está presente na região de fronteira do Brasil em todos os seguimentos da sociedade, e também nas salas de aulas das escolas das cidades brasileiras que fazem fronteiras com todos os países hispânicos.

O bilinguismo diante do observado tanto no recreio quanto fora dos muros da escola, está inserido no processo educativo na região de fronteira, o que deve ser observado no sentido de buscar soluções pedagógicas que ofereçam apoio tanto ao professor quanto aos alunos, adotando atividades apropriadas e atendimento individualizado, no sentido de sanar as dificuldades encontradas dos alunos e dos professores, devido à pluralidade cultural existente nas escolas fronteiriças, pois cada um traz consigo a cultura que já possui sua visão de mundo e seu conhecimento popular, próprios do ambiente familiar e cultural em que vivem.

Observou-se durante as atividades de sala de aula e extraclasse que a língua é o principal instrumento de interação, união e inserção socioeducativa. A escola CAIC é heterogênea e possui em seu corpo discente uma grande diversidade linguística e sociocultural, devido a essa heterogeneidade, percebe-se uma insegurança na hora de se comunicarem pela falta do domínio da norma culta de ambas as línguas.

Nesse sentido, o bilinguismo na região de fronteira passa a ser mais que um aprendizado natural, uma necessidade de aprender uma língua internacional.

O Inglês já está inserido em todas as grades curriculares das escolas do território nacional e, é naturalmente ensinado, mas o espanhol ainda está sendo admitido pouco a pouco nas grades curriculares, podendo a escola optar por um dos dois idiomas citados e quase sempre é o inglês o escolhido. Assim o espanhol na fronteira, é aprendido pelo contato direto e pela necessidade de comunicação dos povos fronteiriços.

Quando os alunos fronteiriços traduzem uma obra ou parte dela, quase sempre revelam a forma que entendem, traduzem apenas para compreenderem a obra não obedecendo às regras do idioma culto. Para os professores brasileiros, os resultados da mescla entre a língua portuguesa e o espanhol, são uma interferência negativa porque consideram os erros da mistura de línguas prejudiciais ao aprendizado, principalmente no que tange a alguns fatores fonológicos, morfológicos, na construção do léxico e da sintaxe.

Os desvios de linguagem apresentados por alguns alunos nas grafias, na gramática e no vocabulário demonstram a fragilidade dos alunos fronteiriços quando se veem envoltos em situações que dependem de leitura mais dinâmica.

**O “portunhol” uma nova língua em nossa região de fronteira?**

O “portunhol” é considerado como a junção dos dois idiomas português e espanhol, um grupo de variedades linguísticas com características procedentes tanto do português quanto do espanhol, nasceu ao longo do tempo, como uma ferramenta que usam os povos vizinhos de boa lei na região conhecida como de tríplice fronteira (Argentina, Brasil, Paraguai), "língua confluência" (Langellier, 2011)15, segundo o autor, o portunhol tem inimigos no Brasil que lamentam a “prostituição ” de sua língua o temem que seja vítima de um “efeito de sucção” por parte do espanhol. Por isso recomendam desenvolver mais o bilinguismo na escola.

Scaramucci (1996)15, FANJUL (2002 – p.48)16 destacam que o portunhol como interlíngua, e no marco das abordagens comunicativas do ensino de línguas, propõe a necessidade de distinguir entre “comunicar-se” como “fazer-se entendido”, e “comunicar-se adequadamente dentro de cada situação ou tarefa. Para Lara (2004, p. 9)17 língua é muito interessante, cheia de entraves como diz “... É comum, porque todos falam e usam, na medida de suas necessidades...”. “Por outro lado, é misteriosa, por que a linguagem está cheia de enigmas”.

O “portunhol” poderá vir a ser com o tempo uma terceira língua na região de fronteira e para consolidar-se será necessário que não haja preconceito, já que é uma manifestação espontânea, natural e que vem de uma cultura peculiar dos povos envolvidos, de origem nas línguas latinas, o portunhol deve sua ascendência ao entrelaçamento de uma construção gramatical e vocabulário que hibrida em linguagem espontânea inovadora na boca de seus falantes.

A falta de conhecimento da aplicação das regras de uma língua diferente, pouco usada, passa por situações específicas para atender certa demanda momentânea posto que cada um possui um léxico próprio que lhe dá autonomia de criar a seu próprio estilo, desde que se faça ser entendido perfeitamente.

O “portunhol” é falado de forma informal sem regulamentação gramatical nas escolas pelos alunos, pelos comerciantes da cidade, nas ruas, nos negócios, no dia a dia em regiões de fronteira, se tornando uma língua livre sem burocracias e sem regras.

A metalinguagem cotidiana é um trabalho muito importante que leva à reflexão sobre a linguística aplicada de cada região e a problemática que a mesma pode trazer num entendimento mal formulado, mal interpretado. Bruno (2004, p.19)18 aponta que o estudo das relações entre a língua e a cultura de uma sociedade determina à atividade e é indispensável à construção do saber sobre a língua (pelo menos tão legítimo quanto todos os outros saberes sobre os demais objetos que a escola oferece).

A escola CAIC com sua equipe pedagógica trabalham para que o processo ensino-aprendizagem seja instrumentalizado de forma a facilitar o entendimento e a compreensão da mensagem passada. O português é uma das línguas mais difíceis e de complicadas regras gramaticais, no entanto, é belíssima, rica, farta e de um vocabulário invejável, que precisa ser aplicada corretamente, ainda que o aprendiz seja estrangeiro deve dominá-las.

No entanto, o espanhol é uma língua que tem fácil entendimento e compreensão, entretanto, existem alguns falsos cognatos que leva à interpretação dúbia.

Aprender uma língua requer o uso de regras, fonemas etc. a falta destes conhecimentos provoca uma decadência impedindo o seu crescimento cultural e uma melhor veiculação dessa língua.

Por outro lado, antagônico às dificuldades anteriormente citadas dentro da escola, à língua liga dois países, dois mundos diferentes, produz uma interdisciplinaridade linguística que pode facilitar a condução dos trabalhos em sala de aula entre professores e alunos no sentido de que aumenta e melhora o crescimento sociocultural da comunidade escolar e, desta forma, produz um fator de encantamento, de desejo, de vontade, de percepção pela língua.

A fronteira Brasil-Bolívia é bastante conturbada no que tange à língua espanhola e brasileira e os alunos vivem o dia a dia com essa situação linguística, cultural e fronteiriça, tanto que a língua espanhola na região de fronteira e no Brasil vem crescendo aceleradamente.

Os alunos fronteiriços usam as duas línguas, principalmente pela convivência diária que passa em sala de aula já que grande parte do dia é passado nessa instituição de ensino, dando a possibilidade de que todos vivenciam a língua do outro sem esforço, sem cobranças, sem stress, de forma livre, agradável sem restrições. Mesmo que algumas palavras tenham que ser compreendidas gestualmente ou pelas expressões faciais visto que, por serem línguas mutuamente inteligíveis entre si, por suas raízes latinas, possibilita certo entendimento sem o conhecimento prévio como não é o caso do idioma inglês.

Percebe-se que, embora algumas palavras sejam usadas tanto no lado brasileiro quanto do lado boliviano que não pertençam ao léxico do ouvinte e ou falante ou mesmo sem uma ferramenta adequada como o dicionário, existe comunicação entre eles. Os estudantes conhecidos também como estudantes estrangeiros naturalmente fazem que as culturas sejam multiplicadas, melhoradas, adaptadas, seja em sala de aula, seja no ambiente social dentro e fora da escola.

**REFERÊNCIAS**

1 MAR’IN, J. R., & de Vasconcelos, C. A. (2003). ***História, região e identidades***. Editora UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

2 COURTÉS, J., & GREIMAS, A. J. (2008). Dicionário de semiótica. *São Paulo: Contexto*.

3 BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 142 p.

4 HENSEY, F. (1965). **Considerações metodológicas na análise da influência castelhana no português.** *Véritas*, 142-157.

5 ELIZANCIN, A., Behares,L. & Barrios, G. **Nós falemo brasilero. Dialectos portugueses en Uruguay.Montevidéu**: Editorial Amesur. 1987.

6 RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo : Ática, 1993.

7 POLATO, A. 2007. **A Língua e viva**. *Revista Nova Escola*. Edição 206.

8 BAGNO, M. (1999). **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola.

9 RIBEIRO, D. (2015). **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Global Editora e Distribuidora Ltda.

10 CACALCANTI, M. C. (1999). **Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil**. *Delta*, *15*(especial).

11 ROMAINE, S. (1995). **Bilingualism**. Wiley-Blackwell.

12 OLIVEIRA, Marco Aurélio de (Org.). **Guerras e migrações.** Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

12a OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. **Os árabes e suas Américas**. Campo Grande: UFMS, 2008. 274 p.

# 13 LANGELLIER, Jean Pierr. 2011. El Portuñol Nació en la Triple Frontera y está de moda. Pediódico Clarín, caderno sociedad. https://www.clarin.com/sociedad/Portunol-Nacio-Triple-Frontera-moda\_0\_rJJQBIy6vme.html . consultado em 10/08/2017.

# 14-FANJUL, Adrián Pablo. Português e Espanhol: Línguas próximas sob o olhar discursivo. São Paulo: Claraluz, 2002.

# 15 WIEDMANN, L., & Scaramucci, M. V. (Eds.). (2008). Portuguese for Spanish speakers: teaching and acquisition. Pontes.

# 16 HORTA, B. D. SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: VISÃO E POSTURA DOCENTE ANTE AS VARIEDADES DESPRESTIGIADAS DO PORTUGUÊS.

17 LARA, Gláucia Muniz Proença. **O que dizem da língua os que ensinam a língua. Uma análise semiótica do discurso do profano de português.** Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

18 BRUNO, Fabiana Cabral. **Ensino de Espanhol.** **Construção da impessoalidade em sala de aula.** Coleções intervenção. Editora Claraluz, 2004.

**Otras obras consultadas**

CALVET, Lovis Jan. **Sociolingüística. Uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COSTA, Edgar Aparecido da; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (Orgs.). **Seminário de estudos fronteiriços.** Campo Grande: Editora UFMS, 2009.

ENCICLOPÉDIA LAROUSSE ESPANHOL + FÁCIL PARA ESCREVER. São Paulo, 2003.

REVISTA DE EDUCAÇÃO AEC. **Aspectos do cotidiano escolar**. Ano 35. abril/junho, n° 139, Brasília, 2006.

REVISTA DE HISTÓRIA **Fronteiras, Vol. 10, N° 18.** UFMS, 2008.

ROJAS, Oscar. **Novo dicionário escolar espanhol – português – português – espanhol.** São Paulo: Editora DIFUSÃO CULTURAL DO LIVRO, 2001.

**SAYAD**, Abdelmalek. A Imigração. Trad. De Cristina Murachco. São Paulo, Edusp,1998.